

O encontro entre S rora Juana Inés de Cruz e Octavio Paz e sua repercuss o em *Las Trampas de la Fe (As armadilhas da f )*

Resumo

O artigo examina a import ncia da figura de S rora Juana Inés de la Cruz para Octavio Paz. Comenta a obra Las trampas de la fe e examina o contexto da sua elabora o. Destaca a relev ncia de abordar a figura da poeta do período colonial para uma revis o da história do México.

Palavras-chave: S rora Juana In s de la Cruz, literatura e história do México, atualidade de S rora Juana, a mulher no México colonial.

Abstract

The article examines the importance of Sor Juana In s de la Cruz figure to Octavio Paz. Comments the work Las trampas de la fe and examines the context of its preparation. Highlights the relevance of considering the figure of the poet of the colonial period for a review of the history of Mexico.

Keywords: S rora Juana In s de la Cruz, literature and history of Mexico, the actuality de S rora Juana, the woman in colonial Mexico.

Já nos anos oitenta do século passado, nas páginas de *Las trampas de la fe*, livro biográfico e crítico sobre s rora Juana e seu tempo, Octavio Paz percorreu os caminhos paralelos da Nova Espanha, a vida de Juana Ramírez e de sua surpreendente obra escrita, procurando explic -la e lhe dar uma dimensão contemporânea. De l  para c , muitos especialistas concordaram ou polemizaram entre si a respeito de sua leitura, dando ênfase a suas audácias interpretativas, cujas descobertas o arremessaram a grandes saltos imaginários sem qualquer rede protetora.

* Embaixadora do México no Brasil.

Isso se explica porque, em grande parte, Octavio Paz foi um poeta ativista, no sentido de que cultivou uma poética (uma teoria e prática da poesia) e a manifestou, não só através de suas próprias criações, mas também de sua crítica e das revistas de cultura que fundou e editou. Ao escrever poesia, análises políticas ou divulgação cultural, em certo sentido Paz estava sempre atento a um programa que ele mesmo havia formulado e que se poderia resumir como abrir os olhos de uma sociedade fechada em si mesma em um mundo que estava mudando vertiginosamente ao seu redor. Sobre essas preocupações, Ilan Stavans assinalou: “ainda que Paz preferisse sem dúvidas ser lembrado como poeta, sua prosa é um melhor metrônomo para nosso tempo”.

É claro que seus ensaios estruturam toda uma visão de um México histórico, intelectual e contemporâneo. Assim foi com o tema de sóror Juana que se tornou inevitável para ele. Em seu prefácio de *Las trampas de la fe* declara que se trata de um assunto que há muitos anos estava em sua cabeça e ao qual já havia dedicado um ensaio e alguns cursos. Afirma o poeta: “Quando comecei a escrever em 1930, a poesia de sóror Juana Inés de la Cruz havia deixado de ser uma relíquia histórica para converter-se em um texto vivo”. Mas, além disso, Paz sentiu na própria pele o chamado sedutor da vida e obra da monja jerônima, assim como do mundo em que vivia no qual se encontrava presa. No mesmo prefácio assinala: “A palavra sedução, que ao mesmo tempo tem repercussões intelectuais e sensuais, dá uma ideia muito clara do gênero de atração que desperta sua figura”. Efetivamente, Paz se entregou a essa paixão, na busca de encontrar a chave da vida e a poesia de uma mulher distante no tempo, mas próxima de seus arrebatamentos intelectuais. O resultado é uma das obras-mestras do poeta, que ecoa o misticismo e o neoplatonismo de sóror Juana e de sua época para nos contemplar com uma prosa sagaz e cristalina.

A sóror Juana de *Las trampas de la fe* não é só a poetisa de língua espanhola mais importante de seu tempo, a primeira figura literária de peso surgida no continente americano, mas uma irmã distante do poeta do século XX, que trabalha para estruturar uma visão do que é a poesia e do que a poesia faz pelas pessoas.

Para empreender seu estudo, Paz lançou mão da psicanálise, da retórica, da história e da teoria literária. Ao combinar metodologias díspares, busca nos dar uma visão múltipla que funciona em diversos planos. O resultado é diversificado e inevitavelmente eclético. Historicamente, procurou entender a maneira como a vida, a obra e a sociedade em que viveu sóror Juana estavam interligadas e podiam nos dar uma imagem da monja novo-hispânica.

Ainda que tente evitar, Paz cai na tentação de nos dar uma perspectiva de sóror Juana baseada na escassa clareza que temos, e incursiona em um diálogo fascinante com a monja e sua obra através de um intercâmbio erudito. Para fazê-lo, lança mão de seu espírito sagaz e de seus rodeios verbais. Também nós, vamos cair seduzidos pelo modo admirável em que converte suas especulações em afirmações que parecem evidentes até mesmo para o leitor mais cético. Já Frederico Luciani, em sua resenha para o *New York Times* sobre a publicação de *Las trampas de la fe* nos Estados Unidos, ressaltou que, afóra a prática da análise convencional, a crítica baseada na identificação intuitiva, fez Octavio Paz sempre propor reflexões sugestivas.

Ao transitar nos hirsutos caminhos da psicanálise, como outros o fizeram antes dele, Paz postula uma interpretação masculinizante da imagem e da obra de sóror Juana. No decorrer do caminho, interpreta a relação visceral de Juana com a biblioteca de seu avô como uma sublimação da sexualidade masculina. Em suas próprias palavras, essa biblioteca, resulta ser “um tesouro não menos valioso que a sexualidade viril”. Curiosamente, sóror Juana passa desse universo fechado (e aparentemente assexuado) ao rebuliço da corte para regressar a outro âmbito de clausura: o convento e a cela.

Diante dessa leitura, Antonio Alatorre responde, com grande perspicácia: “sóror Juana teve o sonho de ser homem. Só que, nesse sonho, homem não significava indivíduo de sexo masculino, mas sim indivíduo do gênero *Homo sapiens*. ‘Homem’, não em contraposição a ‘mulher’, mas sim em contraposição a ‘animal’.”

É impossível minimizar a importância da interpretação de Paz. Ao enfatizar as características masculinas de sóror Juana, ele colocou as bases de uma análise feminista ou de gênero - como dizemos hoje -, tanto na obra e vida da monja como em seu livro *Las trampas de la fe*. No caso da primeira, o dito enfoque foi se separando mais e mais do contexto em que viveu Juana Ramirez no século XVII.

Vários especialistas comentaram que, em *Las trampas de la fe*, sóror Juana se apresenta mais como uma mulher do século XX do que como uma monja da Nova Espanha, ainda que o mesmo Paz advirta: “Não há que cair na tentação de convertê-la em um espírito moderno: sóror Juana não é nossa contemporânea”. No entanto, na interpretação de Paz parece em certo sentido que sóror Juana escreve algumas coisas como suas cartas mais pessoais e seus sonetos mais sugestivos para leitores que se encontram centenas de anos de distância. Deve-se isso talvez, que apesar de suas prevenções, Paz considera esta vida e esta obra como algo vigente, e parece que seu projeto

consiste tanto em nos explicar essa época passada como torná-la congruente com nossas atuais preocupações, ainda que no caminho haja momentos que a figura da monja pareça desprender-se de seu próprio mundo.

Acontece, talvez que, ao formar parte de um programa do próprio Paz, o livro termina misturando sua pesquisa sobre a Nova Espanha com suas preocupações e reflexões sobre a obra de arte, que inevitavelmente emanam de condições sociais e de instituições culturais nas quais o artista habita.

Paz se fascina pela maneira pela qual a cultura mestiça da Nova Espanha adota e adapta as práticas religiosas para integrá-las melhor com uma idiosincrasia que em grande parte surge de suas raízes indígenas e de suas práticas pagãs. É um fato que, nas mãos dos artistas e artesãos mestiços, a cultura espanhola gera um barroquismo próprio que, além do mais, não deixa de fazer-se presente no México que vivemos há 400 anos.

Numa visão crítica, não deixa de assinalar as limitações da visão de sóror Juana ao reconhecer que apenas pôde vislumbrar a nova paisagem intelectual que estava surgindo na Europa. Dava-lhe pena o desperdício dessa grande mente em sistemas caducos e petrificados, teologias tresnoitadas, sincretismos vagos e quadros retóricos arruinados. Afirma Paz: “Entre os homens e mulheres nascidos neste continente, um dos mais lúcidos [...] teve que viver entre ideias e livros envelhecidos”. O claustro e a ortodoxia cercaram uma escritora de estilo deslumbrante, de grande energia criativa e rico acervo cultural. Isso é algo que Paz não repreende em sóror Juana. Como poderia fazê-lo se a saída ficava totalmente fora de seu alcance? O que não o impede de reconhecer com grande simpatia o afeto que a escritora suscita nele.

Além da aproximação do caráter de sóror Juana e das estruturas da sociedade e cultura novo-hispanas, há em *Las trampas de la fe* dois momentos que podemos considerar centrais. Por um lado, está a relação com a condessa Paredes, o apoio que esta dá a sóror Juana e os intensos poemas que esta relação inspira. Por outro lado, a abjuração que leva sóror Juana a renunciar às letras, vender sua biblioteca e suas coleções de objetos e a tudo que não seja a entrega a sua vocação religiosa.

Quanto ao primeiro, uma análise cuidadosa dos poemas líricos de sóror Juana nos permite notar que foram construídos conforme as convenções de sua época e contêm figuras retóricas bem conhecidas por seus leitores novo-hispanos. O texto se estende falando do amor cortês e da maneira como as relações platônicas se tornam comuns e têm sua própria estrutura, lamentos e exaltações. Entre esses se encontra, sem dúvida, o elogio à beleza do corpo do ser amado e se detém a descrever minuciosamente suas partes, como o faz sóror Juana na célebre redondilha onde elogia a beleza de dona Maria Luisa:

*No tocaré la estrechura
De tu talle primoroso
Que es paso dificultoso
El quiebro de tu cintura.*

Paz assinala que “os poemas de sóror Juana aludem a uma história enigmática que [...] é impossível esclarecer inteiramente [...] Qual foi a índole de sua relação com María Luisa Manrique de Lara? Também ela se fez essa pergunta e a respondeu com seus poemas que dizem tudo e não dizem nada. Fiel a seus modelos poéticos, a sua poesia - exaltação e louvor, queixa e censura - se resolve sempre em interrogações e paradoxos.”

No entanto, Paz afirma que “o processo de sublimação que iniciou o amor cortês e se consumou com o neoplatonismo renascentista conseguiu legitimar paixões e inclinações que eram transgressões à moral sexual, como as relações fora do casamento ou entre pessoas do mesmo sexo”.

O tecido poético que pinta sóror Juana é um claro-escuro onde lutam a mente e o corpo. A poetisa se transborda para utilizar o que Paz chama “uma libido poderosa sem emprego”, acrescentando que “essa abundância, e sua carência de objeto, se mostram na frequência com que aparecem em seus poemas imagens do corpo feminino e masculino, quase sempre convertidas em aparências espectrais; sóror Juana - afirma o poeta - viveu entre sombras eróticas”.

Paz faz uma análise deslumbrante de o “Primeiro sonho”, poema que, segundo ele, dá a sóror Juana um lugar na literatura universal. Sem dúvida, o texto cavalga entre o escolasticismo do ambiente novo-hispano e a modernidade que desponta em outras margens, pois alude ao fracasso da alma por conhecer a natureza do universo. Há quem afirme que, nessa medida, “inaugura uma tradição plenamente moderna”. Escutemos Octavio Paz descrevê-la: “a alma ficou só: se desvaneceram os poderes analíticos, os intermediários sobrenaturais e os mensageiros celestes que nos comunicavam com os mundos do além”. Em consonância com a própria poética, que considera que a poesia é uma atividade em que o ser se manifesta para si mesmo, Paz pensa que esta obra prefigura e se insere na tradição dos grandes poemas sinfônicos de Stéphane Mallarmé, Paul Valéry, Vicente Huidobro, Celestino Gorostiza e, digamos nós, “*Piedra de sol*” do próprio Paz.

O último trecho de *Las trampas de la fe* se ocupa dos eventos que levarão à renúncia às letras por parte de sóror Juana, sua abjuração que a fez vender e doar seus livros e sua coleção de instrumentos musicais, assim como sua confissão final, “rubricada com seu sangue”. Paz vê nesses acontecimentos um antecedente dos processos públicos e expurgos do século XX. Rechaça

absolutamente a ideia de uma “conversão” final e insiste no que é o poder eclesiástico e a inveja dos prelados que a rodeiam e que a levam a essa terrível negação de si mesma.

Essa tese se apoia em uma carta encontrada em Monterrey, em 1980, que sóror Juana escreveu ao seu confessor: Núñez Miranda, defendendo suas atividades e interesses intelectuais. Ao fazer, rompe sua relação com o confessor e também lhe faz “comentários irônicos e até mesmo sarcásticos”. Sem dúvida, ambos tiveram conflitos, sobretudo porque o sacerdote condenava muitos dos afazeres de sóror Juana, por considerá-los mundanos. Muito se ignora e alguns autores negam a versão da renúncia forçada e apresentam cartas que apoiam a perspectiva deles. Mas além do que tenha ocorrido na realidade, parece inquestionável que sóror Juana foi vítima de um desencontro, se não com os poderes estabelecidos, possivelmente, ao menos, consigo mesma.

Curiosamente, na hora de dar o título ao seu livro, Octavio Paz não faz alusão à instituição ou a sociedade que sequestraram a alma de sóror Juana, mas sim ao que inquestionavelmente possuía a monja: a fé. Nada mais do que sua própria crença que coloca grades na poetisa e a captura. Além da ferocidade dos homens que a rodeiam, é talvez sóror Juana quem estende a armadilha e puxa a mola que a condena.

Fica pendente o tema da contemporaneidade de sóror Juana. Anthony Stanton, um dos leitores mais sutis de *Las trampas de la fe*, disse: “Não seria válido afirmar que a monja compartilhava no essencial os fundamentos de seu universo e que seus conflitos com a hierarquia se devem primordialmente à intolerância das figuras dominantes? A contemporaneidade de sóror Juana deve-se, sobretudo, à extraordinária leitura de Paz, a empatia e a secreta identificação que o poeta-intelectual do século XX estabelece com a poetisa-intelectual do século XVII? Em *Las trampas de la fe* o leitor atento pode descobrir, projetadas sobre sóror Juana, as chaves da autobiografia intelectual do próprio Paz”.

Efetivamente, nesse imenso ensaio crítico e biográfico, a vida e obra da monja jerônima se plasmam nas duas faces da mesma moeda, e essa moeda circula em um contexto que Paz define e redefine para encontrar na poetisa novo-hispana o primeiro grande poeta mexicano.

Vale a pena terminar permitindo que ambos os poetas falem com sua própria voz. Afirma Paz, referindo-se à sóror Juana: “sua obra nos disse algo, mas para entender esse algo devemos nos dar conta que é um dizer rodeado de silêncio: o que se pode dizer: A zona daquilo que não se pode dizer está determinada pela presença invisível dos leitores terríveis. A leitura de sóror Juana deve fazer frente ao silêncio que rodeia suas palavras”.

Palavras rodeadas de silêncio; expressões que parecem não ser próprias.
Diante de seus leitores terríveis, e longe de sua amiga e protetora, ela
mesma exclamaria:

*De veras, mi Dulce amor;
Cierto que no lo encarezco:
Que sin ti, hasta mis discursos
Parece que son ajenos.*

